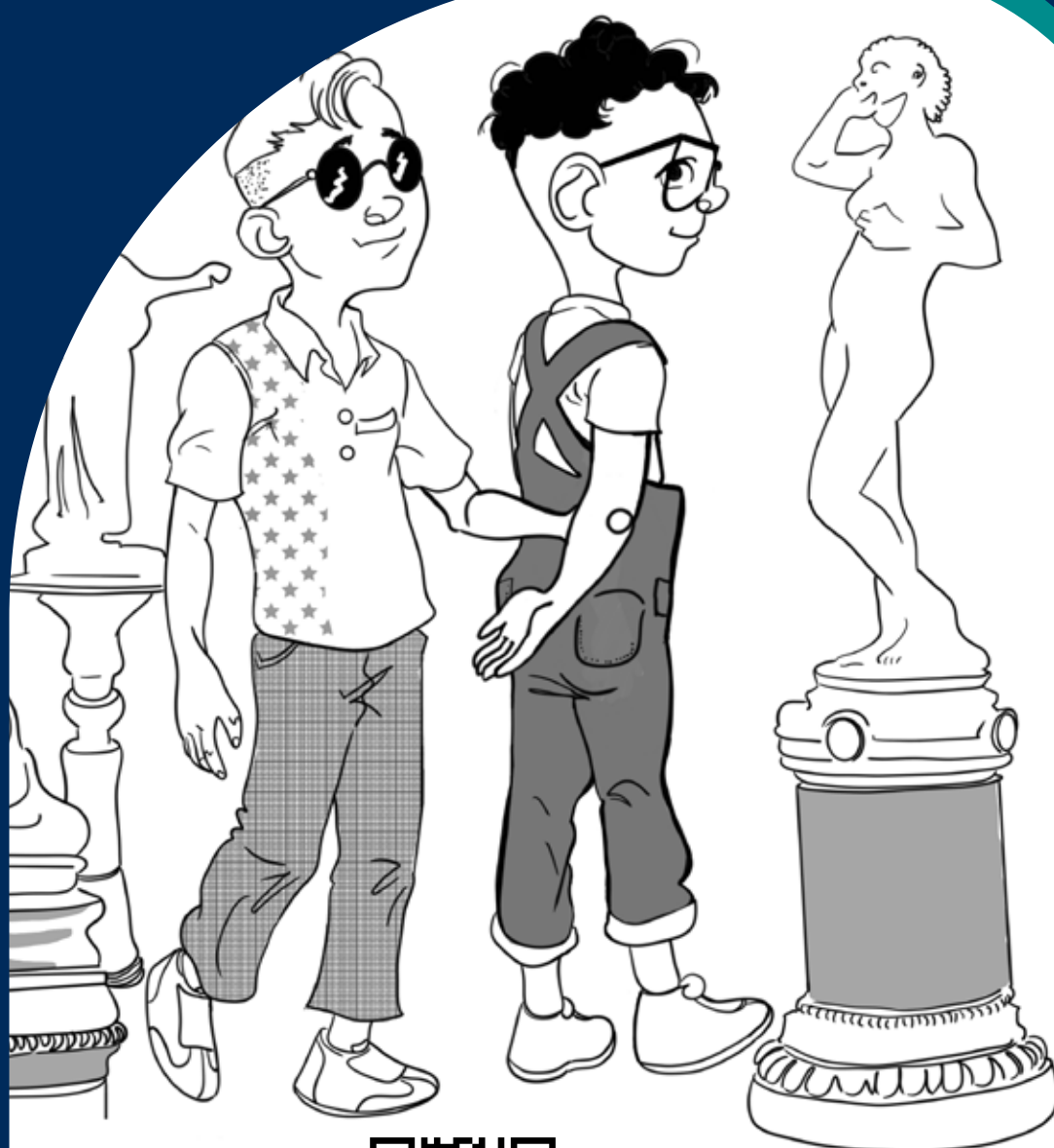


Guia Digital para Acessibilidade de Pessoas com Deficiência Visual nos Museus



Versão
audiolivro

Ficha técnica

Universidade do Estado da Bahia

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Cláudia Paranhos
de Jesus Portela

Discente / Criação e Concepção

Juniro Formiga Gonçalves de Almeida

Consultoria e Verificação

Iracema Souza Vilaronga
Leandro Ferreira
Kátia Sales

Ilustrações

Jeo Pinho

Designer Gráfico

Nanny Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guia digital para acessibilidade de pessoas com
deficiência visual nos museus [livro
eletrônico] / discente / criação e concepção
Juniro Formiga Gonçalves de Almeida ;
ilustrações Jeo Pinho ; orientadora
Cláudia Paranhos de Jesus Portela ; consultoria
e verificação Iracema Souza Vilaronga,
Leandro Ferreira, Kátia Sales. --
Salvador, BA : Ed. dos Autores, 2025.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-01-71941-2

1. Acessibilidade cultural 2. Audiodescrição
3. Inclusão social 4. Museus 5. Pessoas com
deficiência visual I. Almeida, Juniro Formiga
Gonçalves de. II. Pinho, Jeo. III. Portela, Cláudia
Paranhos de Jesus. IV. Vilaronga, Iracema Souza.
V. Ferreira, Leandro. VI. Sales, Kátia.

25-305357.0

CDD-362.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Pessoas com deficiência visual : Inclusão social
: Bem-estar social 362.41

Sumário

Apresentação	04
Conceitos legais e terminologia da pessoa com deficiência	08
Técnicas de guia vidente e Roteiro para mediação de visitação acessível em museus	11
Técnicas de descrição pessoal	30
Audiodescrição de imagens e vídeos	34
Linguagem cinematográfica aplicada às descrições de vídeos	42
Texto alternativo aplicado às redes sociais	55
Referências	66



APRESENTAÇÃO



Este guia digital ilustrado é um dos resultados do meu mestrado profissional. Foi criado para sugerir aos museus a adoção de práticas acessíveis que contribuam para a inclusão de pessoas com deficiência visual e melhoria do atendimento a esse público.

Além de ser um apoio para equipes de museus, ele também pode orientar gestores culturais, jornalistas, mediadores, guardas de acervo, pesquisadores, professores, estudantes e outros profissionais interessados em acessibilidade e cultura.

Neste guia, você vai encontrar:

- Termos legalmente corretos para se referir às pessoas com deficiência;
- Técnicas de descrição de imagens, tanto estáticas (fotografias e obras de arte) quanto dinâmicas (vídeos), aplicadas a exposições e também às redes sociais;
- Linguagem cinematográfica aplicada às descrições de vídeos;
- Descrição pessoal, para apresentações mais inclusivas;
- Técnicas de orientação e mobilidade, explicando como o guia vidente pode acompanhar corretamente uma pessoa com deficiência visual dentro dos espaços museais.

A efetivação da acessibilidade para pessoas com deficiência visual envolve termos, práticas e recursos – alguns mais conhecidos, outros ainda pouco utilizados. Conhecer essas ferramentas é essencial para quem atua na área cultural. Nos museus, em especial, esse conhecimento ajuda a garantir o acolhimento, participação, a autonomia e uma melhor experiência das pessoas com deficiência visual nos espaços expositivos.


Algumas das sugestões de práticas e roteiros para visita acessível presentes neste guia foram construídas com base na minha experiência direta em museus, ao longo de mais de 10 anos de atuação com exposições e mediações culturais. Além disso, o conteúdo com linguagem simples e direta contou com a consultoria e verificação de três pessoas com deficiência visual, profissionais com experiência em audiodescrição e com vivências em museus garantindo mais qualidade, sensibilidade e representatividade nas orientações apresentadas.

Sabemos que existem inúmeros recursos de acessibilidade, muitos deles envolvendo tecnologias ou estruturas específicas. No entanto, as práticas sugeridas aqui foram pensadas com foco em ações de baixo custo ou sem custo algum, que possam ser colocadas em prática por qualquer pessoa, independentemente de orçamento ou equipamentos. O objetivo é ampliar a acessibilidade de forma viável, possível e cotidiana.


Este guia digital foi produzido com recursos de acessibilidade, incluindo contraste de cores e letras ampliadas, com uma versão em formato PDF acessível para leitores de tela e uma versão em audiolivro, com leitura dos textos e descrição das imagens e ilustrações.

Ele será distribuído gratuitamente para museus de Salvador/BA e de outras cidades do Brasil. A intenção é fortalecer um atendimento mais inclusivo e contribuir para a formação de um público mais diverso e representativo dentro dos museus.

Juniro Formiga



Conceitos legais e terminologia para pessoa com deficiência



Uso correto dos termos: por que isso importa?

A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) – Lei N° 13.146/2015 – garante os direitos das pessoas com deficiência e reforça a importância de tratá-las com respeito e dignidade.

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Usar os termos corretos é um passo fundamental para acolher e criar um ambiente verdadeiramente inclusivo.

A forma legalmente correta de se referir é:

Pessoa com deficiência (ou PCD, de forma abreviada).

Esse termo mostra que a pessoa vem antes da deficiência, que é apenas uma das suas características (física ou sensorial) – não é algo que define quem ela é.

Exemplos corretos a serem usados:

- Pessoa com deficiência visual, Pessoa cega ou
- Pessoa com baixa visão;
- Pessoa com mobilidade reduzida;
- Pessoa com nanismo;
- Pessoa usuária de cadeira de rodas ou cadeirante;
- Pessoa com deficiência auditiva;
- Pessoa Surda;
- Pessoa amputada.

Evite termos antigos e inadequados:

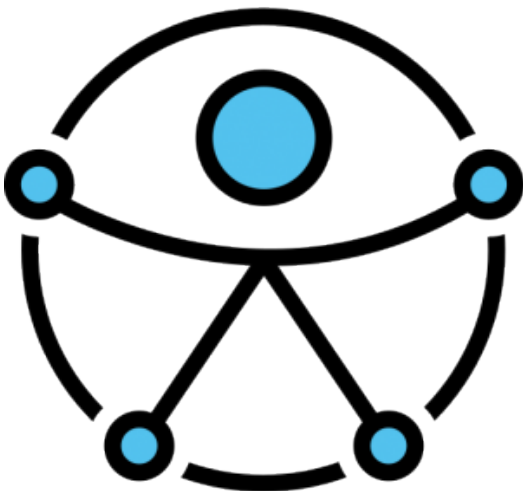
Alguns termos ainda são usados por costume, mas não devem ser utilizados, pois são depreciativos ou reforçam estereótipos negativos:


- Portador de necessidades especiais;
- Especial;
- Deficiente;
- Aleijado;
- Excepcional;
- Inválido;
- Anão;
- Surdo-mudo ou "mudinho".

Por que usar o termo legalmente correto?


Usar “pessoa com deficiência”:

- Demonstra respeito;
- Valoriza a identidade da pessoa;
- Ajuda a combater o preconceito;
- Está de acordo com a lei.





**Técnicas para Guia
Vidente e Roteiro
para mediação de
visitação acessível
em museus**



Como é a técnica do guia vidente?

A técnica do guia vidente ensina como acompanhar uma pessoa com deficiência visual de forma segura e respeitosa, seja em espaços internos (como dentro do museu) ou externos (como calçadas e ruas).

Essa forma de conduzir é usada no mundo todo e tem como objetivo garantir segurança, conforto e autonomia para quem está sendo guiado.

É importante lembrar:
A pessoa com deficiência visual não deve ser guiada de forma passiva. Ela deve participar ativamente do deslocamento, avisando ao guia o que precisa ou como prefere ser acompanhada.

Assim, o guia se torna uma ajuda acolhedora e confiável, e não alguém que decide tudo sozinho.

Como Conduzir uma Pessoa com Deficiência Visual

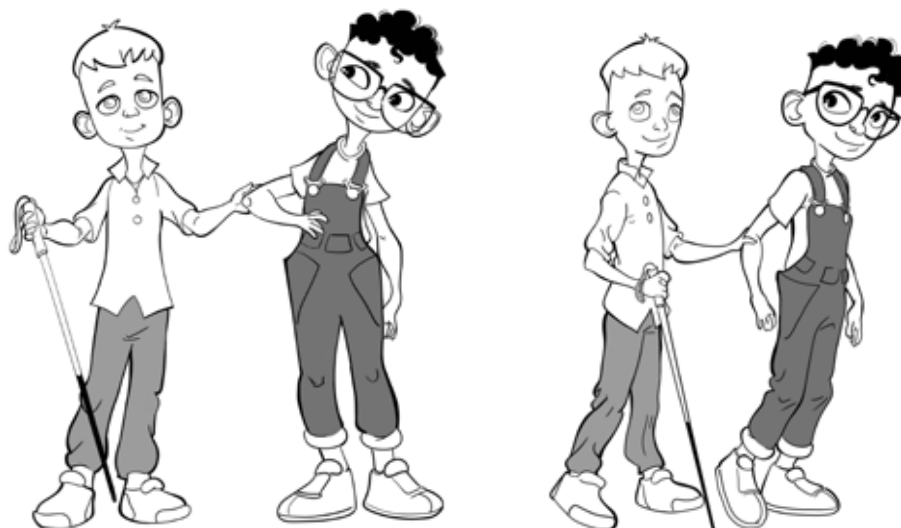
Identifique-se com clareza e respeito:

1. Cumprimente com educação;
2. Diga seu nome e função que desempenha, que você trabalha no museu e pergunte se ela gostaria de alguma informação ou de ser acompanhada na visita;
3. Se ela aceitar, descreva brevemente suas características físicas (como explicado na pág. 30);
4. Espere a resposta da pessoa e só então siga com o atendimento ou acompanhamento.

Exemplo: “Olá, tudo bem? Aqui é o Ju, sou mediador aqui do museu. Gostaria de ajuda ou de informações sobre a exposição? Se desejar, posso te acompanhar”.

Técnica do braço-guia:

1. Após o aceite, pergunte que lado ela prefere (lado esquerdo ou direito, se o braço ou o ombro);
2. Ofereça o braço dobrado para que a pessoa segure na parte acima do cotovelo;
3. Para guiar crianças ou pessoas mais baixas, você pode oferecer o apoio na altura da sua cintura, no seu pulso ou até mesmo no passante da sua calça, saia ou bermuda (aquela argolinha onde passa o cinto). Assim, elas conseguem te acompanhar com mais conforto e segurança;
4. Ande meio passo à frente, mantendo o ritmo constante;
5. Informe sobre mudanças no percurso (escadas, rampas, desníveis).



1 • Descreva o espaço do museu

Se o museu não tiver um mapa tátil, explique como é o lugar. Fale sobre:

- a) As dimensões do espaço (se possível, diga às medidas);
- b) Onde estão e a disposição dos móveis, escadas, corredores, banheiros, bebedouros, salas de exposição, etc.

Se a pessoa quiser e for possível, faça um passeio pelo espaço. Enquanto caminham, vai explicando o quê e por onde estão passando, onde estão os objetos e obras e se há obstáculos no caminho. Também conte sobre os serviços disponíveis no museu.

2 • Organize a visita

Antes de ver as obras da exposição, monte um pequeno plano de visita. Se a exposição não tiver audiodescrição, comece lendo o texto de apresentação da mostra. Se a pessoa quiser, leia também a ficha técnica.

3. Vá para a exposição

Apresente a exposição de forma geral. Pergunte se a pessoa quer conhecer todas as obras ou escolher algumas específicas.

Leia as placas de identificações das obras e descreva bem as imagens, vídeos, esculturas, instalações e outras obras, seguindo as orientações a partir da página 36.

4. Perceba o interesse do visitante

Preste atenção nas reações da pessoa durante a visita. Assim, você evita tornar a visita cansativa e pode focar nas obras que mais interessam a ela.

5. Exploração Tátil no Museu

Caso a exposição permita tocar nas obras de arte siga as orientações:

- a) Sempre pergunte se a pessoa deseja tocar nos objetos permitidos;
- b) Oriente as mãos da pessoa para o início e o fim da obra.

6. Ao Sentar-se

Se a pessoa quiser sentar durante a visita, leve-a calmamente até a cadeira. Ajude-a tocar com a própria mão no encosto ou no assento, para que perceba onde vai se sentar com segurança.



7 • Passagem em lugares estreitos

Em lugares estreitos, como corredores, fileiras de auditórios, portas ou passagens entre móveis e obras de arte, o guia deve avisar que o espaço é apertado.

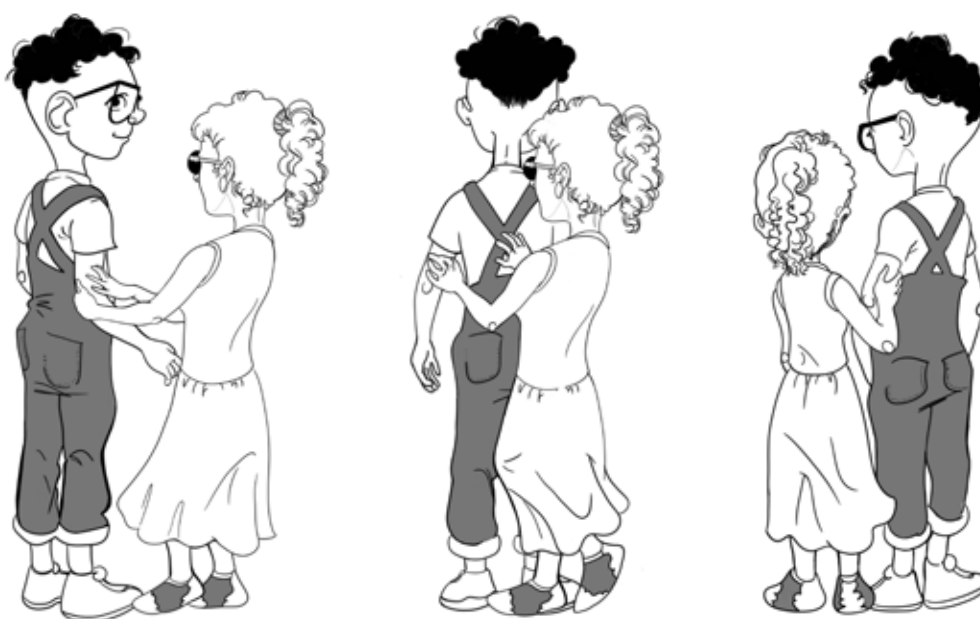
- a) Se posicione um pouco à frente com o braço dobrado projetando o cotovelo para trás. Isso ajuda a pessoa com deficiência visual a entender que o espaço ficou mais estreito;
- b) Com esse comando, o visitante ficará bem atrás de você;
- c) Os dois podem seguir lado a lado em pequenos passos, ou um atrás do outro, até passar com segurança;
- d) Depois que passarem pelo local apertado, volte seu braço para a posição anterior, com o visitante segurando seu braço a meio passo atrás de você.



8 Troca de lado durante a caminhada

Se durante o trajeto na visita ao museu, vocês precisarem mudar de direção ou se adaptarem ao espaço, como em corredores estreitos ou escadas, siga as indicações:

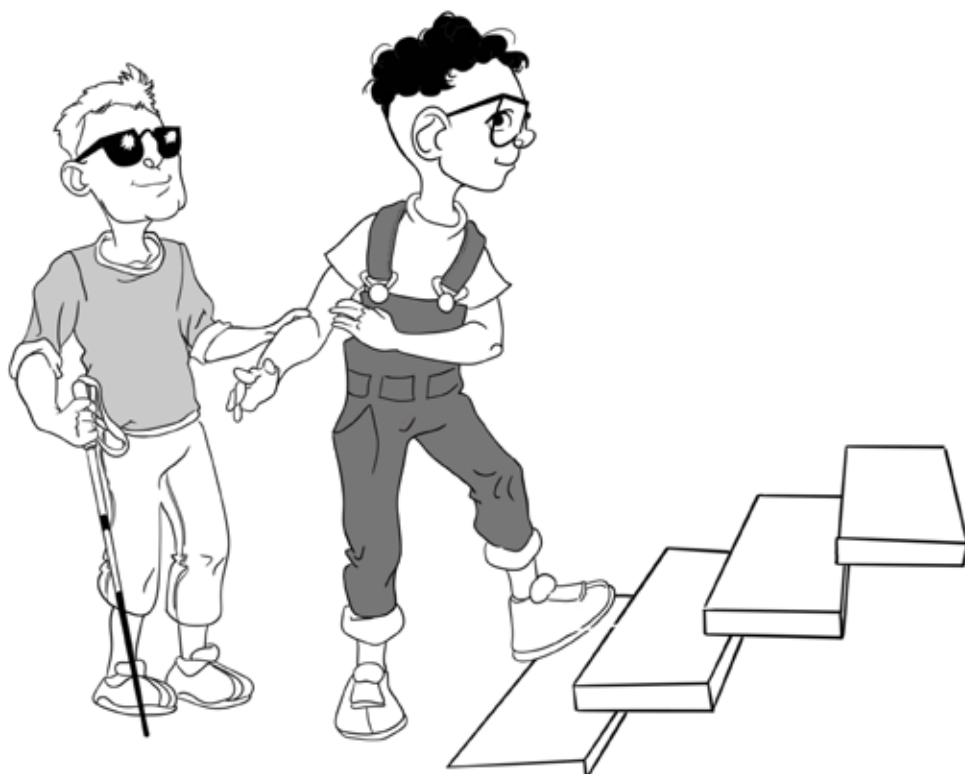
- a) Peça para o visitante segurar seus dois braços, atrás de você;
- b) Depois, ele deve soltar um dos braços e passar para o outro lado;
- c) Quando tocar o outro braço, ela vai mudar naturalmente de posição, ficando do outro lado do guia.



9. Como guiar o visitante com deficiência visual em escadas

Sempre avise antes de subir ou descer uma escada. Depois, siga os seguintes passos:

- a) Pare um pouco antes do primeiro degrau, indicando que a escada vai começar;
- b) Comece a subir (ou descer) um degrau meio passo à frente do visitante;
- c) Fique do lado do corrimão para se apoiar e protegê-lo, caso algo inesperado aconteça;
- d) Informe que há corrimão. Caso ele prefira segurar, leve a mão dele até o corrimão antes de continuar;
- e) Quando chegar ao fim da escada, faça uma pequena pausa, para que o visitante perceba que acabou;
- f) O nível do seu braço vai mostrar que o piso está plano novamente.



Atenção com escadas em espiral:

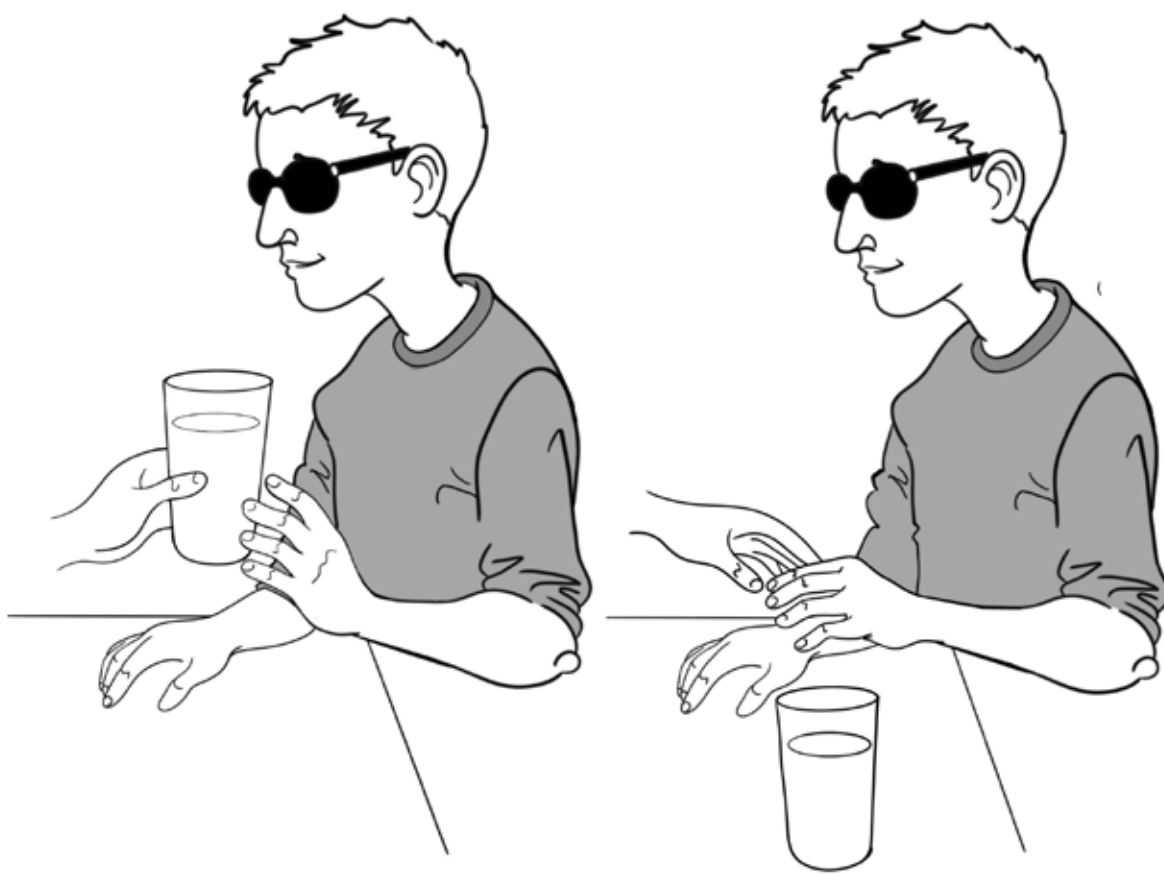
Essas escadas tem degraus irregulares perto do centro. Nesses casos, leve o visitante para o lado de fora, onde os degraus são mais largos e seguros.



10. Como oferecer água ao visitante com deficiência visual

Depois da visita, ofereça-lhe água.
Veja como fazer isso com segurança:

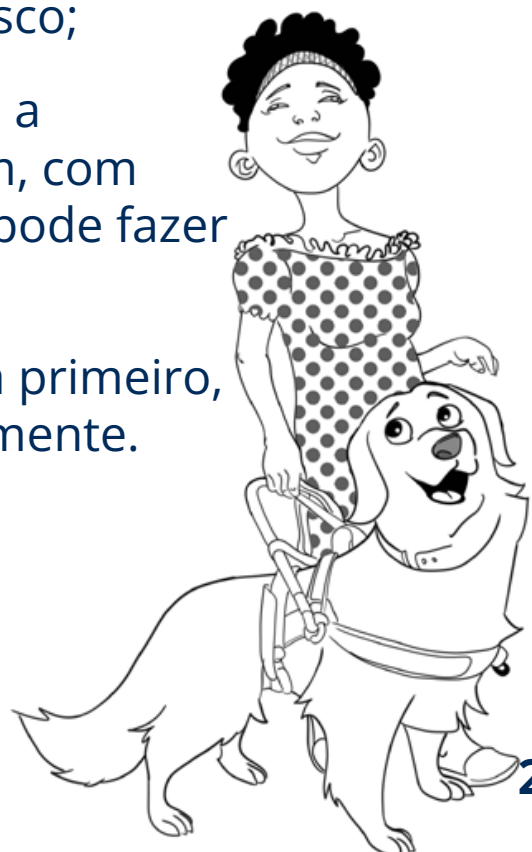
- a) Leve o visitante até o bebedouro e pergunte se precisa de ajuda para pegar a água. Em caso positivo, pegue a água para ele;
- b) Ao entregar, aproxime o copo da mão dele, para que possa segurar com firmeza;
- c) Se ele estiver sentado à mesa, coloque o copo sobre a mesa, o mais próximo possível, e guie sua mão ao copo.



11. Orientações sobre o cão-guia

Se o visitante estiver acompanhado de um cão-guia, lembre-se: A Lei 11.126/2005 garante que Pessoas com deficiência visual têm direito de entrar e permanecer em qualquer lugar público ou coletivo com seu cão-guia. Ninguém pode impedir a entrada ou cobrar taxa extra. Portanto, siga as orientações:

- a) Quando o cão está com a guia peitoral, ele está em serviço;
- b) Neste momento, não chame, não toque e nem ofereça carinho. Isso pode distrair o cão e colocar o visitante em risco;
- c) Quando o cão estiver sem a guia e descansando, aí sim, com permissão do tutor, você pode fazer carinho com calma;
- d) Sempre fale com a pessoa primeiro, e nunca com o cão diretamente.



12. Como guiar o visitante com deficiência visual a passar por portas

a) Antes de passar por uma porta, avise o visitante como ela se abre:

- Para a direita ou esquerda?
- Para dentro ou para fora?

Isso tranquiliza e ajuda o visitante a participar ativamente da passagem.

Passo a passo:

- a) Fique perto da porta;
- b) O visitante usa a mão livre (a que não está segurando no seu braço) e, com o dorso da mão (parte de cima), toca a porta para perceber a posição;
- c) Se você for atravessar a porta junto com o visitante, flexione levemente o cotovelo e mova para trás, indicando a direção do movimento. Assim, o visitante te acompanha e ultrapassa a porta;

- d) O visitante pode segurar a porta até passar por completo, e depois fechá-la ou deixá-la aberta, conforme necessário;
- e) Depois de passar, volte seu braço à posição inicial, mostrando que o obstáculo foi vencido e o caminho está livre.



Portas que abrem para os dois lados:

Você, guia, deve segurar a porta firme até que o visitante a segure também — isso evita que a porta bata nele durante a passagem.

13. Se o visitante com deficiência visual precisar ir ao banheiro

- a) Acompanhe o visitante até a porta do banheiro;
- b) Explique como a porta abre (se empurra, puxa ou corre), como já foi orientado antes;
- c) Se você for um guia homem acompanhando uma visitante mulher, fique do lado de fora da porta e explique onde estão a pia, o sabão, o papel-toalha e o vaso sanitário;
- d) Se você for uma guia mulher, pode entrar no banheiro feminino (com autorização) e mostrar diretamente onde estão esses itens;
- e) O mesmo vale para guias mulheres com visitantes homens — neste caso, pare na porta e oriente com descrição.



Importante:


Em todos os casos, aguarde do lado de fora do banheiro até que o visitante termine e esteja pronto para seguir a visita.





Dicas para Guias

- Seja paciente e respeitoso, permita que a pessoa com deficiência determine seu próprio ritmo;
- Evite usar palavras como “aqui” ou “ali” sozinhas. Seja mais claro. Por exemplo: diga “aqui à sua direita” ou “ali na sua frente”, para ajudar a pessoa a se localizar melhor;
- Se o visitante com deficiência visual estiver acompanhado, fale primeiro com ele. Depois, cumprimente o acompanhante. Não fale apenas com o acompanhante como se o visitante não estivesse presente. Por exemplo, evite frases como: *“Ele quer ir pra onde?”* Em vez disso, fale direto com a pessoa: *“Você gostaria de ir para qual espaço agora?”*;
- Se você precisar se afastar, avise à pessoa com deficiência visual antes de sair. Assim, ela não continua conversando achando que você ainda está por perto;
- Se você reencontrar o visitante com deficiência visual no museu, evite usar a frase: *“Você sabe quem está falando?”*, prefira: *“Olá, sou o Ju que te atendeu outro dia”*;

- Uma observação importante é que a pessoa com deficiência visual em ambiente externo deverá caminhar do lado interno da calçada, protegendo-se de obstáculos que, quase sempre, são encontrados na parte externa da calçada, como postes, telefones públicos, caixa de correio, lixeiras e outros;
- Esteja atento às preferências da pessoa para oferecer apoio personalizado.



Técnicas de descrição pessoal



No momento que recepcionar o visitante com deficiência visual, se descreva para que ele te conheça. Para se descrever, você pode contar um pouco sobre sua aparência. Isso ajuda pessoas cegas ou com baixa visão a formarem uma imagem mental de quem está falando.

Você pode dizer:

- Seu gênero, se quiser (por exemplo: mulher cisgênero, homem cisgênero, pessoa não binária);
- A cor da sua pele (por exemplo: pele clara, parda, preta);
- A cor e tipo do seu cabelo (liso, cacheado, crespo, preso, solto, castanho, grisalho etc.);
- Se usa barba, descreva (barba cheia preta, grisalha, por fazer);
- Sendo mulher e estiver maquiada, informe (estou com leve maquiagem nas cores azul e rosa);
- Sua idade, se não se sentir confortável, opte pelas definições (como: jovem, adulto, idoso);
- A sua altura, caso não saiba com precisão, pode dizer: (sou alta, baixa, estatura mediana);

- Diga seu peso, se não souber, opte por: (sou magra, rechonchuda, acima do peso);
- As roupas e cores das roupas que está usando hoje;
- O calçado que está usando (tênis, sandália, sapatilha);
- E se usa óculos, brincos, anéis, colar, chapéu ou outros acessórios;
- Se tiver tatuagens, diga a parte do corpo em que você possui tatuagens.



Exemplo simples:

“Sou uma mulher negra, de cabelo cacheado preso. Tenho cerca de 30 anos, sou magra e alta. Estou usando uma blusa azul, calça jeans e tênis azul com detalhes amarelos. Uso óculos e um colar pequeno de miçangas coloridas.”

Por que a descrição pessoal é importante?

A descrição da sua aparência ajuda não só o visitante a te conhecer melhor, mas também a te identificar no ambiente.

Por exemplo:

Se você precisar se afastar e o visitante quiser te chamar depois, ele pode dizer algo como:

“Quero falar com a moça que está com blusa azul e calça jeans.”

Isso facilita a comunicação e garante que o visitante encontre a pessoa certa com segurança e autonomia.



Audiodescrição de imagens e vídeos



O que é audiodescrição?

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que permite a pessoas cegas ou com baixa visão aproveitar melhor filmes, peças de teatro, exposições, aulas, eventos esportivos e outros tipos de atividades.

Ela funciona como uma narração extra, que descreve o que está acontecendo nas imagens, como expressões faciais, características físicas, ações, cenários, roupas e outros detalhes importantes.

A audiodescrição deve ser feita de forma clara, organizada, e, quando possível, com um toque sensível ou poético, dependendo do contexto. Se a exposição do museu não tiver audiodescrição pronta, a pessoa responsável pela mediação pode descrever as obras ao vivo para o visitante com deficiência visual, seguindo as orientações indicadas.

O ideal é que um profissional especializado faça a audiodescrição. Mas, se isso não for possível, é importante que o mediador descreva as obras, para que o visitante cego também tenha acesso ao que está exposto.

Ela pode ser usada de diferentes formas, como:

- Junto com o áudio original de filmes e vídeos;
- Por aparelhos de tradução simultânea em peças de teatro ou eventos ao vivo;
- Em livros digitais;
- Em museus, por meio de audioguias ou QRCodes que levam a uma descrição em áudio (**MP3**).



Como descrever bem uma imagem (passo a passo):

Na hora de fazer uma descrição de imagem, observe com atenção e siga estas dicas simples:

1. Diga o formato da imagem

É quadrada, retangular, circular?

2. Diga o tipo de imagem

É uma fotografia, pintura, cartaz, ilustração?

3. Fale sobre o material usado

Foi feita com carvão, tinta a óleo, é uma foto colorida ou em preto e branco?

4. Diga para que serve a imagem

Ela é informativa (traz dados), ilustrativa (ajuda a entender algo), decorativa (serve para enfeitar)?

5. Fale sobre a produção da imagem

Se souber, diga quem fez, onde, quando e com que objetivo.

Escolha um caminho para descrever

Você pode descrever a imagem:

1. De cima para baixo, e da esquerda para a direita*;

2. Observe o tema principal

Fale sobre os personagens, objetos ou ações que aparecem.

3. Fale sobre os planos da imagem

O que está na frente (em destaque)?

O que está no fundo?

A pessoa aparece inteira, da cintura para cima ou de longe?

4. Perceba o estilo da imagem

O autor quis mostrar algo mais realista, criativo, crítico ou poético?

5. Repare nos elementos visuais

Descreva coisas como:

- Luz e sombra;
- Cores e formas;
- Linhas e espaço;
- Profundidade e foco (o que está nítido ou desfocado).

Exemplo de descrição de uma fotografia:



Foto: autoria do autor

Descrição da fotografia colorida horizontal: Ao dia, pousa sobre um fio preto na diagonal, um livre e ágil Beija-Flor. De perfil esquerdo, ele mostra a comprida língua clara para fora do bico longo. A coloração da sua plumagem vem em tons de azuis e lilás, o preto vem na ponta das asas em descanso. Ao fundo há folhagens em desfoque.

**Fique atento!*

A regra da audiodescrição diz que, sempre que possível, a descrição deve ser feita de cima para baixo e da esquerda para a direita.

Mas, às vezes, o elemento mais importante da imagem (o que está no centro da atenção) pode estar no meio ou até do lado direito.

Nesse caso, comece a descrição por esse elemento central, e depois siga com os outros detalhes ao redor.

O mais importante é contribuir com o entendimento da pessoa no que está na imagem.

Passos para Descrição de vídeos:

Quando a audiodescrição é usada em vídeos (como filmes, videoartes, propagandas, clipes e outros), ela é gravada e colocada dentro do vídeo. Normalmente, aparece nas pausas entre as falas dos personagens, para não atrapalhar os diálogos.

Essas pausas costumam ser curtas, então a descrição precisa ser direta e falar só do que é mais importante para ajudar na narrativa do vídeo — como o cenário, características dos personagens, as roupas, as expressões, as cores e os enquadramentos.

Se a exposição do museu tiver videoarte ou outro tipo de vídeo sem audiodescrição, o mediador pode descrever ao vivo para o visitante com deficiência visual, seguindo os passos indicados.

1. Antes de descrever, procure entender o que o vídeo quer dizer e qual foi a intenção do artista. Isso ajuda a fazer uma descrição mais fiel ao que a obra quer transmitir;

Exemplo: No vídeo, o artista faz uma performance tomando banho de chocolate numa banheira. Antes de descrever, é importante buscar informações sobre o motivo dessa escolha — por que ele usou chocolate, que tipo de chocolate é, e o que ele quer provocar ou comunicar com essa ação, seja algo artístico ou político.

2. Diga que é um videoarte e a sua duração;

3. Contextualize a cena inicial (local, tempo, atmosfera);

4. Descreva as ações em ordem cronológica;

5. Insira pausas estratégicas entre as descrições para evitar sobreposição com áudios originais, canções e efeitos sonoros;

E a linguagem cinematográfica?

Conhecer os tipos de planos usados nos vídeos, fotografias ou pinturas - como plano geral ou primeiro plano, por exemplo - e compreender o que eles representam na história, pode facilitar bastante na hora de criar a audiodescrição.

Mesmo que a pessoa que descreve conheça esses termos, é melhor evitar palavras técnicas. Em vez disso, o ideal é explicar de forma simples o que aparece na imagem. Em cada exemplo, vamos sugerir jeitos fáceis de falar sobre isso.

Lembre-se: as sugestões a seguir são apenas exemplos. Às vezes, por falta de tempo no vídeo ou filme, nem sempre dá para fazer todas as descrições. Mas é importante conhecer esses tipos de planos e usá-los sempre que for possível.

Grande plano geral (GPG)

Planos bem abertos mostram uma área grande e vista de longe. Eles ajudam o espectador a entender onde a história vai acontecer, como a cidade onde tudo se passa. Geralmente, esse tipo de plano aparece no começo da história ou quando a cena muda de lugar (figura 01).

Nesse caso, evite usar o termo técnico “grande plano geral”. Em vez disso, use algo mais simples, como:

“Ao longe e ao dia, uma grande cidade com prédios, casas, avenidas e vegetação”.



O plano geral (PG)

Esse tipo de plano mostra uma área menor do que o plano bem aberto. Ele foca, por exemplo, no prédio, na casa ou no local de trabalho onde a cena acontece. (figura 02).

Evite usar “plano geral do prédio de Ju”, use: “Ao dia, revela-se a fachada cinza do prédio de quatro andares de Ju”.

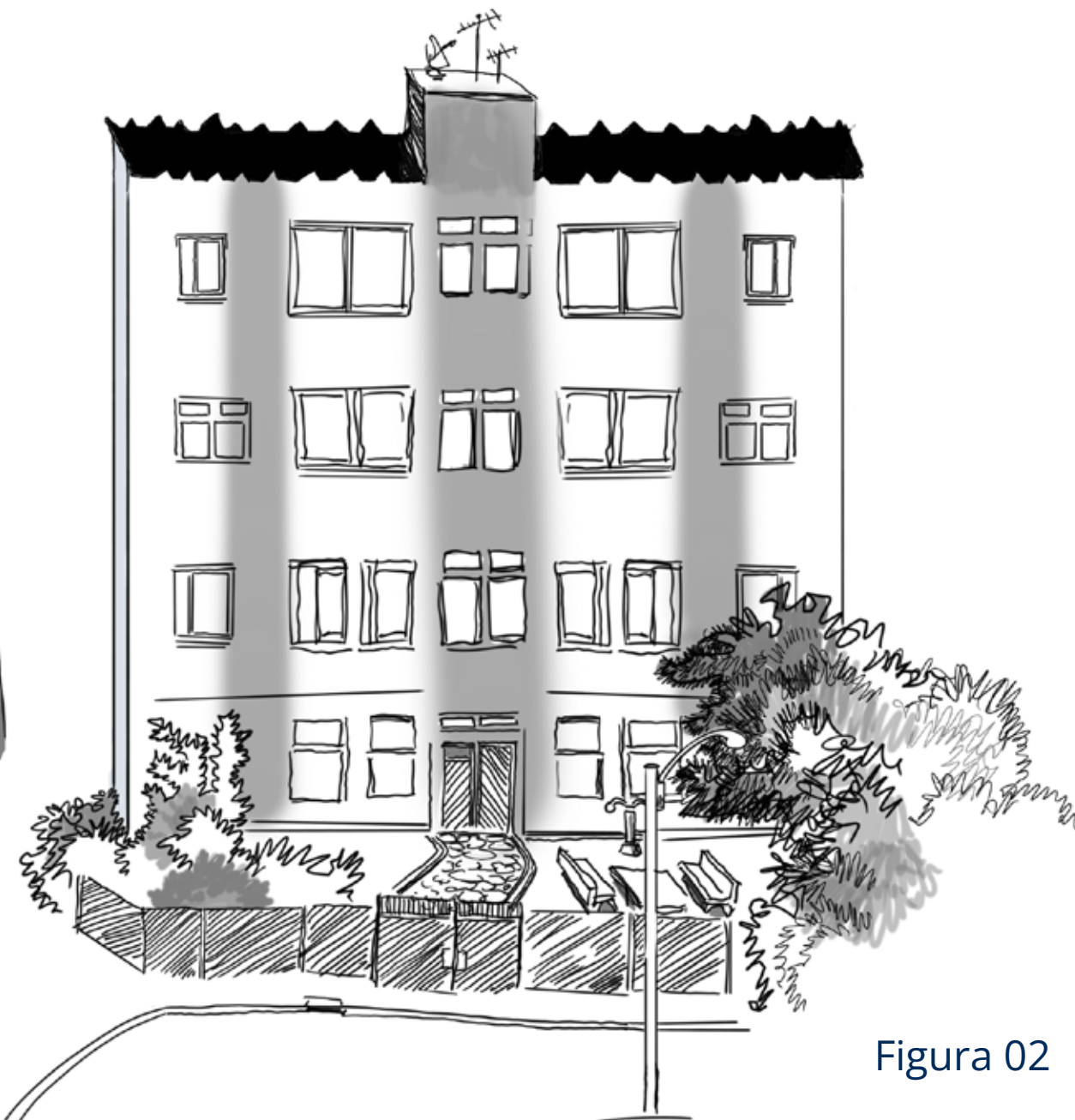


Figura 02

O plano inteiro (PI)

Nesse plano, o personagem aparece de corpo inteiro, da cabeça aos pés, com um pequeno espaço sobrando em cima e embaixo (figura 03). Nesses casos, você pode descrever assim:

“Ju, revelado de corpo inteiro, anda em perfil direito na calçada da rua. Na calçada mais a frente um hidrante e a parede ao fundo traz tijolos aparentes”.

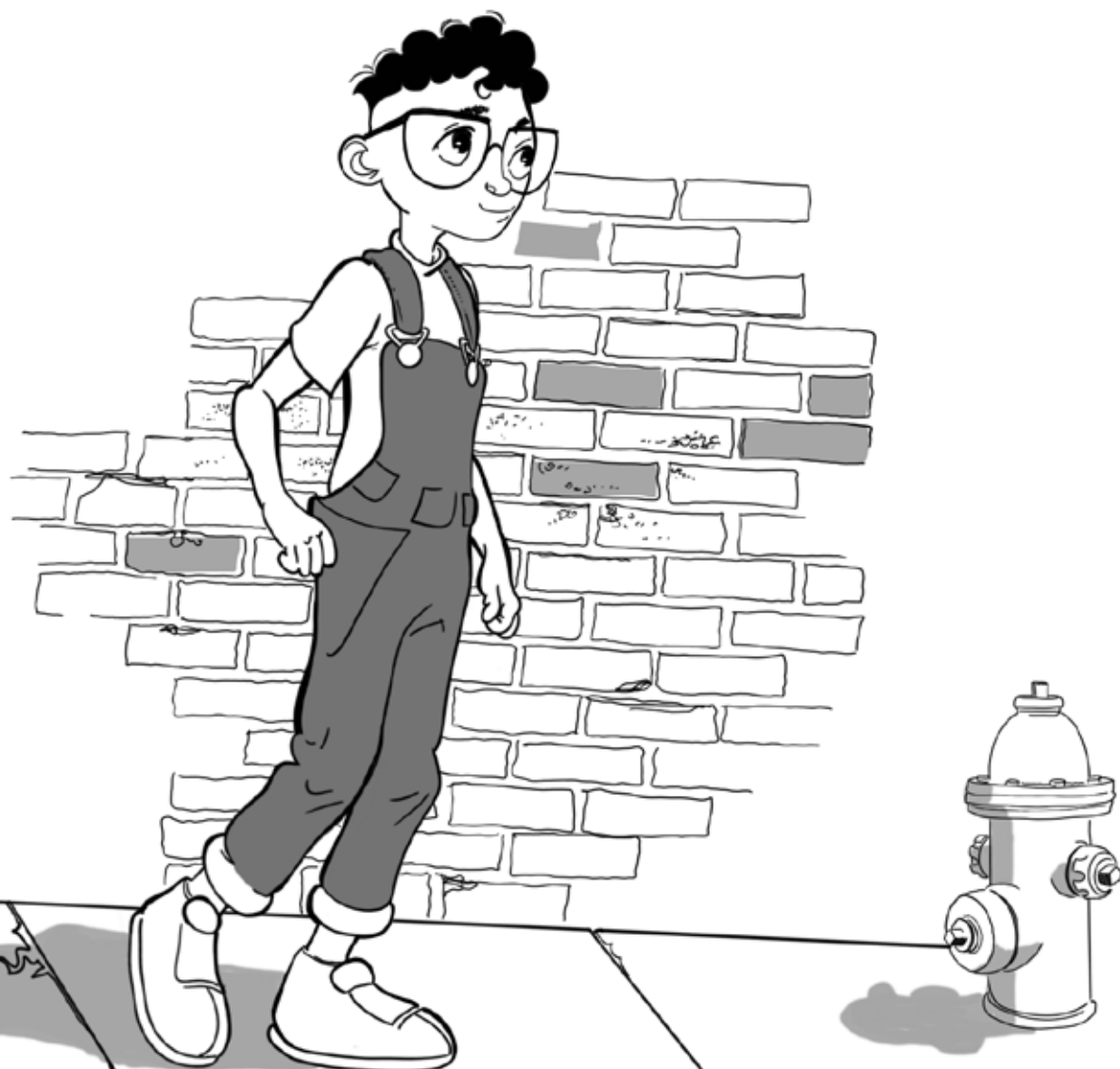


Figura 03

O plano americano (PA)

O personagem é mostrado dos joelhos para cima, tendo sua origem nos filmes de faroestes americanos, que mostrava a cartucheira do revólver na cintura do personagem.

Nesse caso, a descrição sugerida é: *“Ju registrado até a altura dos joelhos com uma mochila no ombro, está em pé no ponto aguardando o ônibus”.*

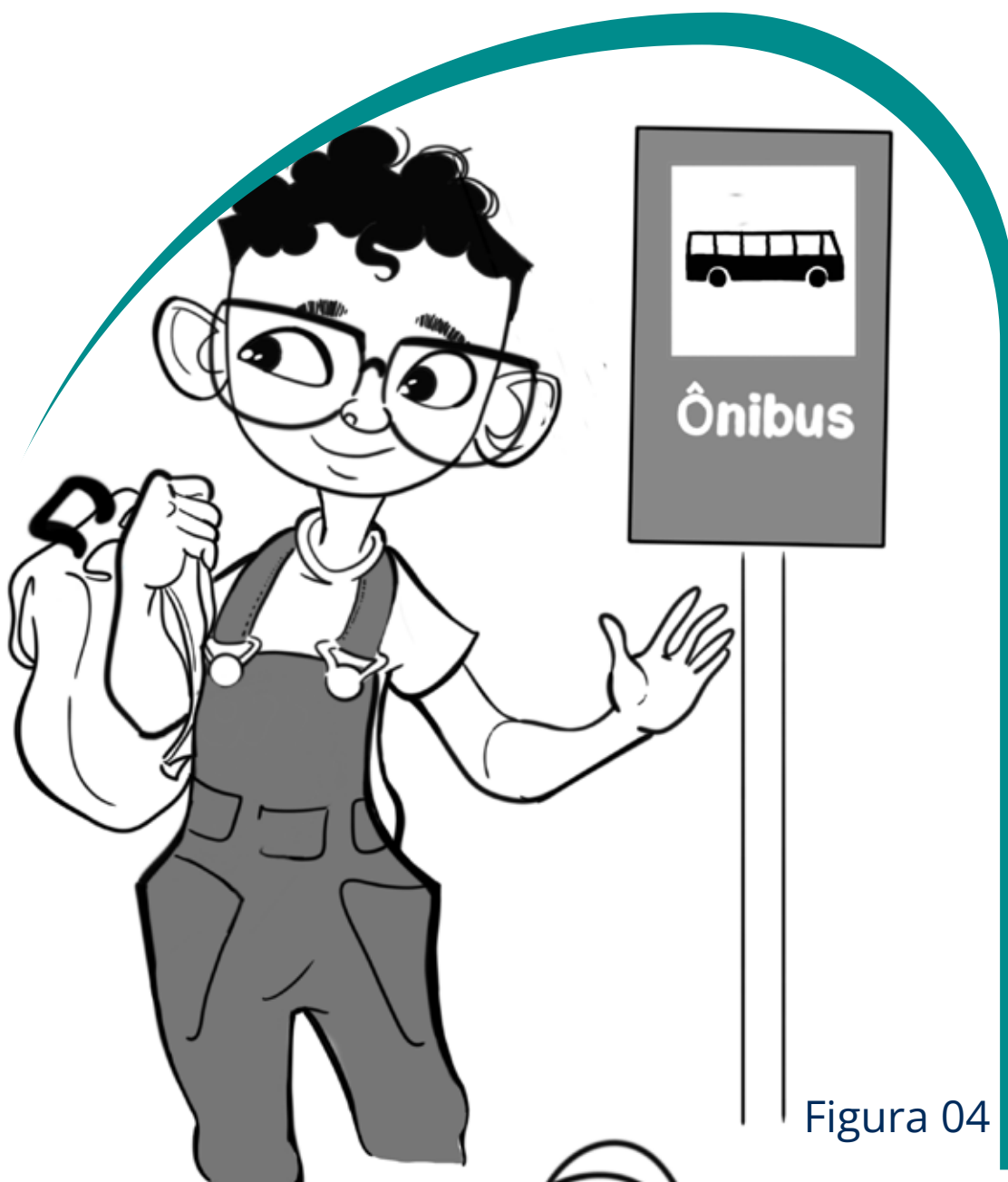


Figura 04

O plano médio (PM)

Esse plano mostra os personagens da cintura para cima. Nesse momento, a descrição pode destacar como eles são fisicamente, como estão vestidos e o que estão fazendo com as mãos ou braços (figura 05). Por exemplo:

“Da cintura pra cima, Ju, da leve sorriso com a mão na cintura e a outra dando joinha. Logo atrás e a direita uma janela estreita levemente aberta”.



Figura 05

O primeiro plano (PP)

Mostra o personagem do busto para cima. Ele serve para mostrar os diálogos e as expressões do rosto, que quem faz a descrição pode explicar com mais detalhes.

Por sugestão opte por: *“Revelado do busto para cima, Ju segura um lenço e chora emocionado”.*



Figura 06

O primeiríssimo plano (PPP) ou Close (CL)

Enquadra somente a cabeça dos personagens. Mostra o rosto inteiro do personagem ressaltando a sua carga dramática, a fim de revelar suas emoções.

Para não usar o termo *“Primeiríssimo plano”*, prefira: *“Do rosto triste de Ju, escorre uma lágrima”*.



Figura 07

Plano detalhe

Mostra objetos ou parte do corpo, como detalhes da boca, mão, olho, etc.

Prefira usar: *“A mão de Ju segura um lenço”*.



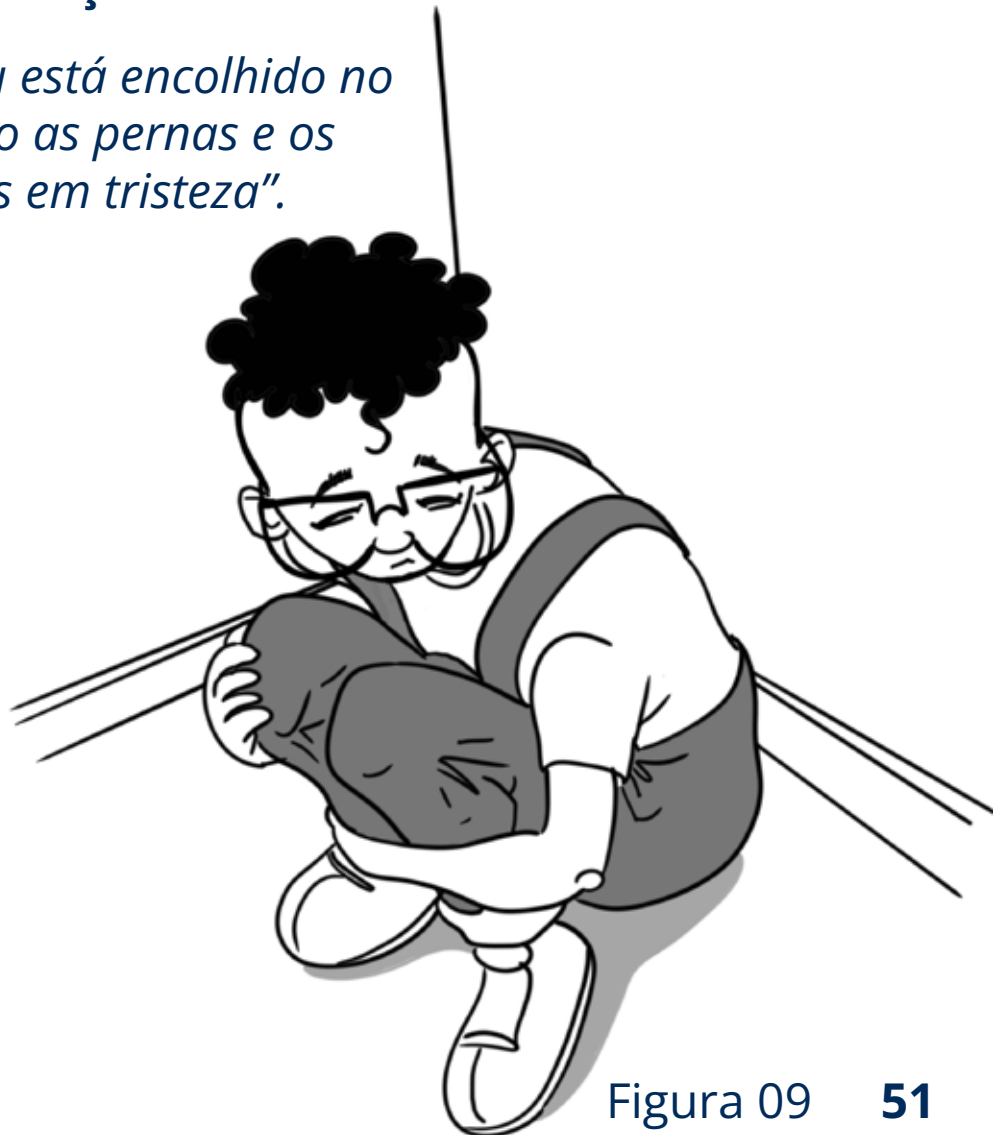
O plongée e o contraplongée

Esses ângulos de câmera também passam uma sensação diferente para quem assiste. Eles podem fazer o personagem parecer maior ou menor — não só no tamanho, mas também no significado da cena (como mostrar poder, medo ou fragilidade, por exemplo).

Plongée: a câmera está acima, filmando de cima para baixo. Isso pode fazer o personagem parecer pequeno, frágil ou vulnerável.

Exemplo de descrição:

“Visto de cima, Ju está encolhido no canto, abraçando as pernas e os ombros curvados em tristeza”.



Contraplongée: a câmera está embaixo, filmando de baixo para cima. Isso pode fazer o personagem parecer maior, forte ou imponente.

Exemplo de descrição:

“Visto de baixo, Ju, dos quadris para cima ergue um dos braços”.

Essas diferenças devem ser destacadas na audiodescrição, quando possível, para reforçar o clima da cena.



Figura 10

Descrição dos personagens

Você pode seguir os mesmos passos da página 30. Quando tiver tempo, descreva com mais detalhes. Se não tiver, diga só as principais características.

Descrição dos figurinos

Comece descrevendo a parte de cima da roupa, depois a parte de baixo, os calçados e por fim os acessórios. Não precisa falar da roupa de todos os personagens em todas as cenas, só se a roupa for importante para a história. Se não for, diga só o essencial para não cansar quem está ouvindo.

Descrição dos estados emocionais

Descreva ações, expressões e gestos que ajudam a entender como o personagem está se sentindo. Por exemplo: “Ju preocupado leva a mão à cabeça”.

Nomeação dos personagens

Geralmente, os personagens são nomeados na audiodescrição quando são nomeados na narrativa. Enquanto isso não acontece, são identificados por suas características físicas.

Exemplo: “O rapaz loiro de casaco encontra a moça da padaria na rua”.


Descrição da localização espacial e temporal e dos ambientes

Como sugerido no exemplo anterior, a indicação dos ambientes onde a cena acontece são importantes para a compreensão da obra, como por exemplo: “Na sala de casa, Ju vê TV”.

Leitura dos elementos visuais verbais

É recomendável ler os textos que aparecem na tela, como créditos, títulos, legendas e outros escritos.

Nesse caso, se der tempo descreva a fonte e cor, por exemplo: “Contra fundo branco e em letras cursivas pretas: O Dia em que a Terra parou”.



**Texto
alternativo
aplicado às
redes sociais**



Nesse momento apresentaremos como usar um recurso chamado texto alternativo (ou *alt text*), que está disponível em redes como *Instagram*, *Facebook* e *LinkedIn*.

Esse recurso permite que pessoas com deficiência visual consigam entender o que está na imagem, usando leitores de tela no celular ou computador.

As assessorias de comunicação dos museus podem usar o texto alternativo nas divulgações para deixar as publicações mais acessíveis, como por exemplo:

- Cards de divulgação de exposições;
- Cursos e oficinas;
- Programações culturais e educativas.

Como fazer um bom texto alternativo?

Siga este passo a passo:

1.

Diga o tipo da imagem: por exemplo, se é uma foto, card, desenho, ilustração ou gráfico;

2.

Descreva o fundo e os elementos principais da imagem;

3.

Se houver pessoas, diga a cor da pele, cor dos olhos, roupas, acessórios, expressão facial, etc.

Como descrever cards de divulgação

Nos cards de divulgação, o texto alternativo deve descrever os elementos visuais (como cores, imagens, ilustrações, logos) e também as informações do evento, como:

Nome do evento;

Data;


Horário;

Local.


Isso ajuda pessoas com deficiência visual a entenderem o conteúdo completo da imagem.

Exemplo de texto alternativo em card:

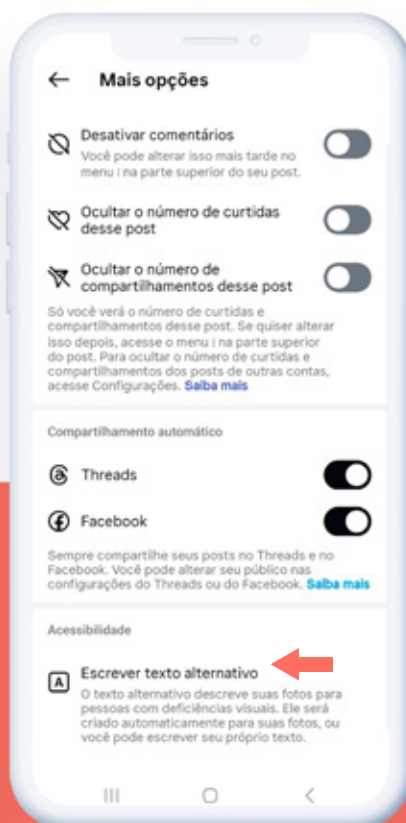
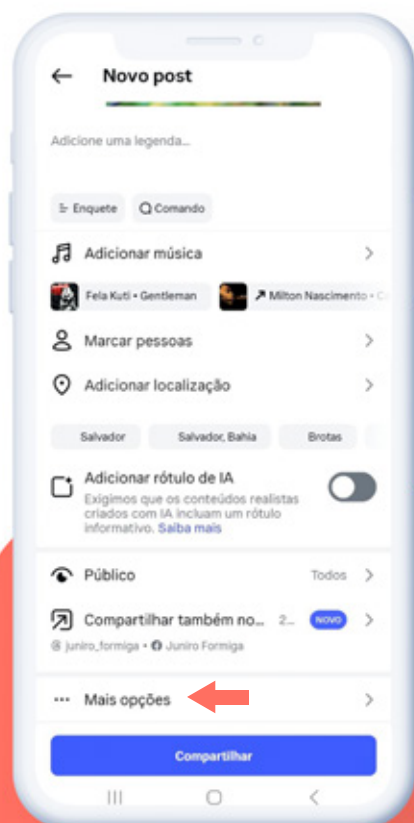
Card quadrado colorido com fundo laranja e detalhes em azul escuro. No topo, o título em preto: "Oficina de Arte Acessível". Mais abaixo, à esquerda e em branco: "Dia 25 de julho, às 14h, no Museu Central". À direita, uma ilustração de um pincel e uma paleta de tintas. Na base central do card, o logotipo do museu e a marca do governo municipal.



Em seguida,
você pode ver
como acessar e
usar o texto
alternativo em
cada rede social,
passo a passo.



Para o Instagram

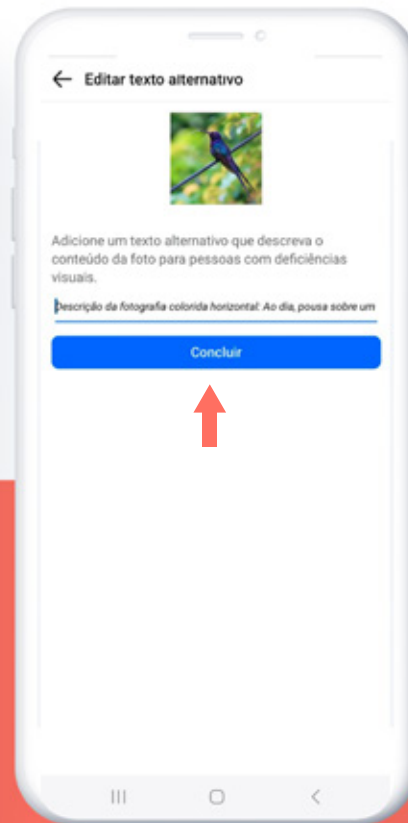
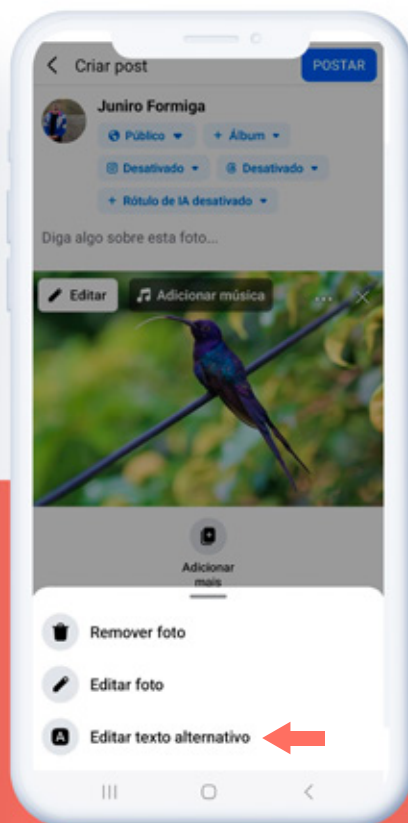
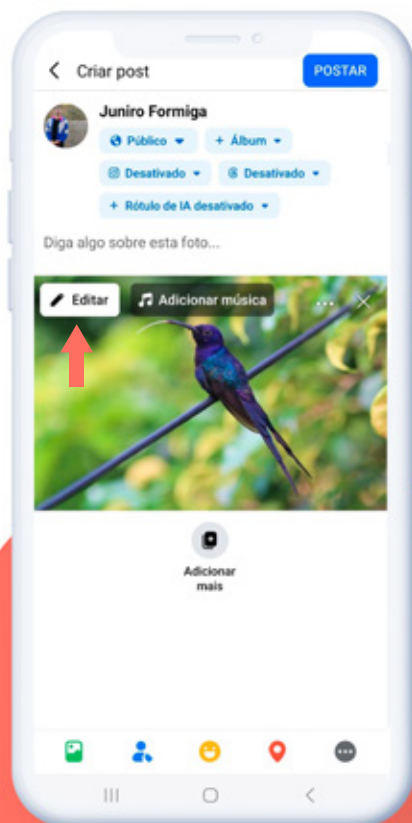


1º passo:
Escolha a foto
e toque em
“Mais opções”.

2º passo:
Role para baixo
e selecione
“Escrever texto
alternativo”.

3º passo:
Digite a
descrição da
imagem e toque
em “Concluir”.


Para o Facebook




1º passo:
Selecione a foto e toque em "Editar".

2º passo:
Role para baixo e escolha "Editar texto alternativo".

3º passo:
Digite a descrição da imagem e toque em "Concluir".



**Dicas para deixar
suas postagens
acessíveis com o
texto alternativo**



1. Avise que a imagem tem texto alternativo

Depois de escrever o texto alternativo, coloque na legenda: *“Publicação com texto alternativo”*. Assim, mais pessoas vão conhecer e usar esse recurso;

2. O leitor de tela lê o texto alternativo primeiro

Quem usa leitor de tela ouve primeiro o texto alternativo, depois a legenda. Por isso, é muito importante usar essa ferramenta corretamente;

3. Evite colocar a descrição visual no fim da legenda

Algumas pessoas escrevem uma legenda muito longa, com hashtags e emojis, e só colocam a descrição da imagem no final. Isso faz com que a pessoa com deficiência visual tenha que ouvir tudo antes de saber o que está na imagem, o que pode ser cansativo e desestimular o acesso. Por isso, prefira usar o campo de texto alternativo para colocar a descrição da imagem;

4. Use *hashtags* de acessibilidade na legenda

Inclua *hashtags* como:
#PraTodosVerem
#PraCegoVer
#PraTodoMundoVer

5. Use emojis com moderação

Lembre-se que o leitor de tela lê todos os emojis em voz alta. Se tiver muitos, pode ficar confuso e cansativo para quem está ouvindo. Use apenas os que forem realmente importantes.

6. Divulgue os conteúdos do museu em formatos acessíveis

Sempre que possível, use materiais que funcionem com leitores de tela, como:

PDFs acessíveis;

QRCodes que levem para sites acessíveis;

Materiais em Braille (quando possível e necessário).



CONSIDERAÇÕES

Este guia foi feito para ajudar museus a se tornarem mais acessíveis para pessoas com deficiência visual. Com atitudes simples e cuidadosas no dia a dia, é possível incluir a diversidade nas visitas, exposições e ações culturais.

O mais importante é ter respeito, escuta e vontade de aprender. A acessibilidade não depende só de tecnologia ou grandes investimentos — ela começa com a atenção ao outro quebrando as barreiras atitudinais que possam existir.

Esperamos que este material ajude você a oferecer um atendimento mais acolhedor, inclusivo e humano para todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 2 set. 2025.

DREZZA, Eduardo. **Cartilha orientação e mobilidade**. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos, 2018.

Guia básico de acessibilidade na comunicação: condutas e ações em eventos promovidos pelo Ministério Público brasileiro / Conselho Nacional do Ministério Público. - Brasília: CNMP, 2024.

Guia para produções audiovisuais acessíveis com audiodescrição das imagens. Brasília: Ministério da Cultura, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/culturaviva/pt-br/biblioteca-cultura-viva/documentos-e-publicacoes/documentos/minc-guia-para-producoes-audiovisuais-acessiveis-com-audiodescricao-das-imagens-2016.pdf/view>. Acesso em: 22 jul. 2025.

REFERÊNCIAS

Guia de recomendações para o desenvolvimento de materiais didáticos digitais para o público de baixa visão / Juliana Bueno et al. – Curitiba: PPGDesign; labDSI, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1GKbtHamz5Sd8OGf1jabAlayFOHVTzxJP>. Acesso em: 2 set. 2025.

Orientação e Mobilidade: Conhecimentos básicos para a inclusão do deficiente visual /Elaboração Edileine Vieira Machado...[et al.] - Brasília: MEC, SEESP, 2003. 167 p.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção** – 3. ed. – Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

W3C. **Web Content Accessibility Guidelines (WCAG) Overview**. Disponível em: <https://www.w3.org/WAI/standards-guidelines/wcag/>. Acesso em: 2 set. 2025.

Guia Digital para Acessibilidade
de Pessoas com Deficiência
Visual nos Museus

